



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/valdelice-veron>

“Podemos sim mudar e revitalizar a terra” - Entrevista com Valdelice Verón, liderança indígena Guarani Kaiowá

Por: Emanuely Miranda[1]

Editora: Susana Dias[2]

Em entrevista à ClimaCom, Valdelice Verón relembra sua história e fala sobre o futuro

De acordo com as palavras da liderança indígena Valdelice Verón, o povo Guarani Kaiowá sofre com o genocídio, o ecocídio e o epistemicídio. As três violências se retroalimentam e causam fins de mundos. Diante desse contexto, ela se levanta dizendo que podemos sim mudar e revitalizar a terra ao reivindicar pautas urgentes para as populações originárias, como o direito ao território que, em sua etnia, leva o nome de Tekoha.

Envolvida desde a infância com a luta pelo Tekoha, Valdelice Verón se tornou reconhecida mundialmente como representante de seu povo. Além disso, formou-se como mestra em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (UnB), onde atualmente cursa o doutorado em Antropologia. A ClimaCom a convidou para uma entrevista e abordou temas como Marco Temporal, mudanças climáticas e ancestralidade.

ClimaCom: Como liderança indígena, você está presente em eventos de envergadura planetária, como a 28ª Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP28). Qual a relevância da presença de saberes e pautas indígenas em arenas como essa? Quais são as próximas participações em sua agenda?

Valdelice Verón: Cumprimento a todos e todas. É muito importante a nossa presença nos espaços onde nós conseguimos levar um pouco do conhecimento, dos saberes e fazeres do nosso povo Guarani-Kaiowá, para discutirmos e falarmos de nossas preocupações e da preocupação dos nossos



matriarcas em relação às mudanças climáticas que têm ocorrido no mundo, porque o povo indígena Guarani-Kaiowá tem lutado contra o genocídio, contra o ecocídio e contra o epistemicídio. Os três estão entrelaçados quando se trata da morte do conhecimento, da morte das florestas e da morte das matriarcas.

ClimaCom: Você recebeu o 21º Prêmio Anual de Liderança Global, oferecido pela Vital Voices, sob fundação de Hillary Clinton. A premiação se deu em virtude de sua luta contra o genocídio indígena, bem como por sua atuação em prol da demarcação de terras. O que essa conquista representa a nível coletivo?

Valdelice Verón: O Vital Voices, da Hillary Clinton e do Joe Biden, é um reconhecimento muito profundo. É um reconhecimento muito grande. É um reconhecimento daquelas mulheres que tombaram na luta pela terra, daquelas meninas que foram estupradas pelos pistoleiros na luta pela terra, daquela liderança que tombou na luta pela terra, daquela matriarca que foi queimada viva. Então, é um reconhecimento de vozes das mulheres Guarani-Kaiowá no estado de Mato Grosso do Sul, no Brasil. Hoje se fala muito em outros lugares, porém nós, no Mato Grosso do Sul, somos o povo esquecido. As mulheres Kaiowá, Guarani-Kaiowá, somos esquecidas. E esse é um grande reconhecimento. No momento do recebimento do prêmio, tive a oportunidade de falar e continuo tendo a oportunidade de falar, de gritar sobre o nosso modo de ser e de viver.

ClimaCom: O filósofo Ailton Krenak nos fala sobre a possibilidade de haver um futuro ancestral. Quando falamos em crise climática, as chances de reversão inexistem. Sendo assim, para as cosmologias indígenas, como podemos acessar de fato um amanhã que esteja conectado à ancestralidade? O que você pensa sobre isso?

Valdelice Verón: Há várias interpretações de como é a cosmologia indígena, de como pensamos o universo. A mulher Kaiowá é matriarcal por natureza. Porque a divindade feminina é quem criou a terra, quem fez a terra. Então, a cada vez que pisamos nela, a cada respirar, nós temos o nosso modo de revitalização. Revitalização da terra, do ar. E ainda nós, mulheres Kaiowá, acreditamos que nós podemos sim fazer essa mudança. Nós podemos, você pode: ouvindo o nosso canto, a nossa



dança, o nosso clamor, o nosso grito. Nós podemos fazer uma grande corrente juntos.

Podemos sim mudar. Eu acredito sim na mudança, para que um dia possamos sentar embaixo da árvore, brincar na grama com as crianças. Eu acredito muito. Precisamos somente de que cada um faça a sua parte.

ClimaCom: Ainda em sua infância, você teve o primeiro contato com a retomada das terras tradicionais. Você diz que essa temática marca a vida de um indígena Kaiowá desde o princípio. De que modo essa luta formou sua identidade como liderança?

Valdelice Verón: Eu comecei a ir para a retomada desde os seis anos de idade. Eu cresci na retomada, na luta. Meus brinquedos foram a borduna, a flecha, o arco, o takwa para tocar e dançar e um maracá. Esses foram meus brinquedos. Às vezes, quando penso, foram momentos muito lindos para mim. Momentos marcantes onde a gente cantava, a gente dançava, mesmo com as balas, com os tiros atrás de nós, em meio aos rios que precisei atravessar correndo e os machucados nos pés. Essa foi a minha realidade. E se fosse para fazer tudo de novo, eu faria tudo de novo, faria novamente tudo que eu fiz do lado do meu pai e da minha mãe. Assim que nós crescemos.

ClimaCom: A família também formou sua identidade. O modo de viver do seu pai e sua mãe, a luta de ambos pelo território e os ensinamentos que lhe passaram são menções importantes em distintos trechos da sua dissertação de mestrado. Como essa experiência ancestral te inspira?

Valdelice Verón: Quando tínhamos junto a retomada, como criança, muitas vezes chorava. Íamos na caçamba, no trator, na carroceria. E queria dormir, às vezes. Mas aí a minha mãe pegava o takwa, o maracá e cantava. Logo passava o sono. Logo passava a dor. Então, a luta pelo território estava acima de tudo. E eu coloquei na minha cabeça todos esses ensinamentos do canto, da dança, da língua, da importância do alimento, dos remédios, de tudo. Tudo o que a minha mãe ensinava e o meu pai ensinava eu fui aprendendo e guardando comigo. Meu pai me dizia que um dia eu poderia fazer o papel falar.



ClimaCom: Em certo trecho de sua dissertação de mestrado, você declara: “A Mãe Terra também precisa de seus guardiões, precisa dos povos originários, pois esses não sucumbiram nas mãos da ganância e do progresso ilusório”. Não é à toa que as terras indígenas estão entre as mais preservadas do país. Por outro lado, diversos estudos identificam os povos originários como um dos grupos de maior vulnerabilidade às mudanças climáticas. Por que, apesar do papel que desempenham em prol da preservação, estão entre os mais vulneráveis nesse aspecto?

Valdelice Verón: A Mãe Terra precisa de guardiões. Nós vemos essa vulnerabilidade porque as áreas onde tem mais árvores, rios e animais são o nosso território, por isso estão propensos a ataques de todos os tipos. Ataque das multinacionais, ataque dos latifundiários, dos pistoleiros. Somos vulneráveis, também, porque temos que beber água muitas vezes de um rio que é envenenado. Rios onde aqueles bichinhos mais pequeninhos, como as abelhas, até os bichos grandes bebem água e são, igualmente, envenenados. Morremos, também, quando temos abortos espontâneos devido ao veneno jogado na água, na terra e no ar. Estamos vulneráveis e lutamos, lutamos... Quando jogam veneno lá longe, em cima da monocultura, o vento traz o veneno e atinge nossas crianças, nossas plantações, nossos animais, nossos pássaros. Tudo é atingido.

ClimaCom: O gênero atravessa sua pesquisa e sua luta. Como você enxerga a potência de articular essa intersecção com a pauta indígena?

Valdelice Verón: Eu escrevi a minha dissertação com a minha mãe e as minhas tias. Nós temos que ter essa visão. Tentei trazer o máximo possível. Como eles sempre me falavam: “Faça o papel falar”. Como fazer o papel falar? E como fazer o papel ser ouvido por você, por mim, por todos? Porque é uma dissertação, não é para uma ou duas pessoas. Não é só para o meu povo, mas para a humanidade. Em minha pesquisa busco fazer falar conhecimentos sobre como é a vida e como se tem que viver a vida.



ClimaCom: No artigo “Sobre máscaras, fumaça e fogo doméstico: experiências das mulheres Kaiowá na pandemia da Covid-19”, você expõe as precariedades do serviço de saúde para lidar com a pandemia no contexto indígena. De que modo as crises escancaram a vulnerabilidade dos direitos humanos no que tange a população originária?

Valdelice Verón: Em relação à Covid-19, primeiro não houve uma política de contenção da pandemia, de modo geral, no Brasil. E, também, não existiu uma política de contenção para o povo indígena. Essa foi uma das piores situações que o povo indígena no Brasil já viveu. Para lidar com a pandemia nos recolhemos, literalmente, no mato. A minha mãe pegou o maracá dela, o facãozinho e falou: “Vamos para o mato”. Foi um momento difícil, fazíamos nossos remédios, mas precisávamos de outros remédios e não tivemos socorro do sistema de saúde público. Então, por isso, aconteceu toda essa ação das matriarcas. Minha mãe disse: “o mal atrai o mal” e eu fiquei pensando nessa frase. E, realmente, a pessoa que estava à frente do Brasil, naquele momento, era alguém muito mau. É maldade. E o mal atrai o mal. Ela disse isso para mim no meio de uma trilha no mato, e isso é verdade. As pessoas que poderiam estar ajudando, não podiam, porque se sentiam de mãos atadas. E o povo indígena viveu nesses quatro anos um dos piores tempos: tempos de perseguição, ameaça, morte e intolerância religiosa.

ClimaCom: Retomando sua dissertação de mestrado, você escreve: “Pertencemos a um território específico que é do nosso povo há milhares de anos. Neste espaço, além de usufruir do que nos é cedido, temos a obrigação de zelar e respeitar a natureza e, sobretudo, de defender e proteger os recursos naturais disponíveis, mantendo o respeito mútuo e profundo com a Terra, vivendo de forma autônoma. Acreditamos numa relação social mantida com nossa terra e com tudo que há nela, assim como respeitamos os outros grupos de pessoas e culturas. Durante todo o tempo de nossa vida, aprendemos, com nossas anciãs, a interpretar a voz da natureza, através das manifestações e reações climáticas do tempo e do espaço”. Posteriormente, também escreve: “Para nós, Kaiowá, a terra não é apenas o lugar onde pisamos, mas é, também, onde nossos costumes são desenvolvidos e preservados, em um território onde viveram nossos antepassados, onde estão suas marcas profundas que se relacionam com seus corpos. Não é qualquer território, mas aquele que carrega a essência da vida Kaiowá, que está lá, nas marcas deixadas pelos



antepassados”. Suas palavras parecem anunciar uma relação cósmica com o território. Como essa relação difere da relação que os latifundiários estabelecem com ele?

Valdelice Verón: Quando pensamos território é porque tem história ali, tem memória. Essa memória não é da terra, mas da divindade que a protege. A divindade que ainda está ali, está junto com a gente e ainda está nos protegendo. A diferença entre o latifundiário e nós, indígenas, é que nós ainda sentimos a presença daquela terra, daquele sagrado que está ali. Ainda sentimos e vemos, porque fazemos parte dela ainda. Pode passar cem mil anos, e essa percepção continuará viva, porque a memória coletiva, a história coletiva, esse repasse de conhecimento, não vai ser apagado. Nunca é apagado. Não é algo que não tenha vida. Tem vida, tem memória. Diferente da monocultura, da investida no agronegócio. Entre os povos indígenas prevalece esse pensamento, um pensamento de vida. Um pensamento onde podemos falar, respirar juntos e produzir os alimentos. O milho branco é sagrado, a batata doce pequeninha é sagrada, a mandioca, o feijão, a fruta, todos são sagrados. Tudo isso são os seres que a divindade que nos trouxe, que nos traz ainda, e que nós mantemos. Esses seres nos ouvem quando cantamos. Eles fazem parte de nós e nós deles. Não tem como separar. A terra tem vida e nós fazemos parte dela.

ClimaCom: Durante o IX Encontro Nacional dos Estudantes Indígenas (ENEI), você denunciou o genocídio que o povo Guarani-Kaiowá estava sofrendo e contou também sobre as ameaças que recebeu. Em certo momento, conforme registrou o portal da Unicamp, disse: “O Estado do Mato Grosso do Sul não quer a vida do povo guarani-kaiowá. Não quer que o nosso povo viva”. Posteriormente, disse também: “Estamos passando por tempos de massacre. Massacres da milícia institucionalizada”. Entre o ENEI e o momento atual, o que mais aconteceu? Quais foram as outras violências que sofreram desde então?

Valdelice Verón: Temos sofrido muita ameaça, perseguições e a queima das casas sagradas. O ano passado foi um dos piores que a gente passou, porque a minha tia Sebastiana foi queimada viva dentro da casa. Foi horrível demais... Tudo isso é intolerância religiosa. Foi um dos piores momentos



da nossa vida. Agora, aqueles que mataram o meu pai podem andar ali de caminhonete, mas eu tenho que estar escondida, alojada em algum lugar.

ClimaCom: Ainda em sua dissertação de mestrado, você diz: “As injustiças que os povos indígenas sofrem, no Brasil já ultrapassaram muito o limite, somos vítimas de anti-indígenas que têm o poder de decidir, tanto no poder judiciário como no legislativo e no executivo, os quais atacam os nossos direitos e nos tratam como intrusos em nossa própria terra”. Recentemente, o Congresso Nacional aprovou o projeto de Lei que vem a ser o Marco Temporal, ainda que o STF tenha considerado o mesmo como inconstitucional. Como você percebe essa disputa?

Valdelice Verón: A tese do Marco Temporal, como a própria expressão fala, é uma tese escrita por uma pessoa que já preparou o caminho para o grande genocídio dos povos originários, dos povos indígenas. Essa tese não foi feita casualmente. Ela foi pensada. E se essa tese está ali, por que a minha tese não pode estar? A minha tese é uma tese de mulher Kaiowá. Uma mulher que juntou todas as memórias da tataravó, da bisavó, da avó, da mãe... Todo o ensinamento que é para o mundo, para a humanidade. A minha tese, então, pode ser aprovada também no Supremo Tribunal Federal (STF), no poder judiciário, no poder executivo. Essa tese do marco temporal não é só a morte do povo indígena é, também, a morte da terra. É genocídio, é ecocídio, é epistemicídio. Isso não pode proceder... É inconstitucional. A forma de visão de mundo dos não-indígenas não pode ser aprovada. Mas vale ressaltar que não são todos não-indígenas que pensam assim. São aqueles que acham que estão com o poder nas mãos. Aqueles que só estão defendendo o agronegócio e que não vêem a morte por trás disso. A sua própria morte! Porque junto com o agronegócio vem o envenenamento. Por isso que tem muito câncer, muita doença que o não-indígena não consegue curar. Essas pessoas só estão vendo o lucro agora, não estão conseguindo enxergar a morte e o sangue por trás de tudo isso.

[1] Mestra em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), jornalista da *ClimaCom*, bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq (465501/2014-1), FAPESP (2014/50848-9) e CAPES (16/2014), sob orientação de Susana Dias. Integra o coletivo e grupo de Pesquisa | multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq). Email: emanuelymiranda.em@gmail.com